

Recebido em: 15/05/2021  
Aprovado em: 29/09/2021  
Publicado em: 15/10/2021

[TRADUÇÃO]

ANTWORT AUF DIE ERWIDERUNG DES HERRN DR. FERENCZI

Por

James J. PUTNAM M.D

Tradução e notas

Caio Padovan<sup>1</sup>

([caiopadovanss@gmail.com](mailto:caiopadovanss@gmail.com))

Guilherme Germer<sup>2</sup>

([guilhermeguita@gmail.com](mailto:guilhermeguita@gmail.com))

---

[BREVE NOTA EDITORIAL]

Caio Padovan

Weiny César Freitas Pinto<sup>3</sup>

([weiny.freitas@ufms.br](mailto:weiny.freitas@ufms.br))

Originalmente publicado em alemão, em dezembro de 1912, o texto aqui traduzido constitui, como o próprio título já indica, uma resposta do médico e psicanalista americano James Jackson Putnam à réplica de Sándor Ferenczi, publicada naquele mesmo ano com o título

---

<sup>1</sup> Professor de Psicologia clínica na Université Paul Valéry, Montpellier 3, pesquisador ligado ao *Centre de recherches Psychanalyse, Médecine et Société* da Univeristé de Paris e ao Programa de Pós-graduação em Filosofia da Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUCPR).

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5546489394122208>.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-6397-6631>.

<sup>2</sup> Doutor em filosofia pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP).

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9731890269292935>.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3173-6750>.

<sup>3</sup> Professor Doutor do curso de Filosofia e da Pós-graduação em Psicologia da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS).

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1411304686102041>.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7101-9150>.

*Filosofia e psicanálise*<sup>4</sup>. Para mais detalhes a respeito do debate em geral e de cada uma dessas publicações, ver Freitas Pinto e Padovan (2019)<sup>5</sup> e, bem como Padovan e Freitas Pinto (2021)<sup>6</sup>.

*Resposta à réplica do Senhor Dr. Ferenczi* é a primeira versão brasileira e, possivelmente, a primeira tradução da resposta de Putnam para qualquer outro idioma. Com este trabalho, damos prosseguimento às nossas investigações sobre as origens da relação entre filosofia e psicanálise no interior do movimento psicanalítico. Em breve, pretendemos traduzir e publicar a última etapa desse primeiro grande debate entre as duas disciplinas: a réplica de Theodor Reik, seguida da tréplica de Putnam.

---

<sup>4</sup> O leitor poderá encontrar uma tradução do texto de Ferenczi nesta mesma revista, no volume I da presente edição. Cf. FERENCZI, S. Filosofia e psicanálise. Tradução de Caio Padovan e Guilherme Germer. *Eleuthería – Revista do curso de filosofia – UFMS*, v. 6, n. 10, p. 348-358, 2021. Traduzido de FERENCZI, S. Ferenczi, S. (1912). “Philosophie und Psychoanalyse (Bemerkungen zu einem Aufsätze des H. Professor Dr. JAMES J. PUTNAM von der Harvard-Universität, Boston U.S.A)”, *Imago*, v. 2, n. 5 p. 519-526, 1912. Um comentário explicativo dirigido ao texto de Ferenczi pode ser encontrado em FREITAS PINTO, W. C. Comentário explicativo de Filosofia e psicanálise (Ferenczi, 1912). In: FREITAS PINTO, ZANATA, SOUZA, *Subjetividade, filosofia e psicanálise*. Curitiba: CRV, 2021.

<sup>5</sup> Cf. FREITAS PINTO, W. C.; PADOVAN, C. James J. Putnam e as origens do diálogo entre filosofia e psicanálise: Apresentação, tradução e notas de um apelo para o estudo de métodos filosóficos na preparação para o trabalho psicanalítico (1911). *Modernos & Contemporâneos – International Journal of Philosophy*, v. 3, n. 6, p. 305-316, 2019.

<sup>6</sup> PADOVAN, C.; FREITAS PINTO, W. C. Breve nota editorial. In: FERENCZI, S. Filosofia e psicanálise. Tradução de Caio Padovan e Guilherme Germer. *Eleuthería – Revista do curso de filosofia – UFMS*, v. 6, n. 10, p. 345-347, 2021.

RESPOSTA À RÉPLICA DO SENHOR DR. FERENCZI<sup>7</sup>

Por

James J. PUTNAM M.D.<sup>8</sup>

[Tradução e notas: Caio Padovan e Guilherme Germer]

O Senhor Dr. Ferenczi, a quem tanto admiro – pessoalmente e enquanto pesquisador – e cujos trabalhos costumo acompanhar com a maior atenção, acabou tendo, após ler meu ensaio, uma impressão que não corresponde às intenções do autor. A mim não agradaria admitir que tenha compreendido mal a verdadeira missão da psicanálise ou que minhas proposições estejam em contradição com os princípios que correspondem às intenções daqueles que dirigem o nosso movimento. Não se pode propriamente dizer que utilizei “as armas da metafísica”<sup>9</sup> contra a psicanálise, ou “que *a priori* é exigido dela (da psicanálise) que se subordine a um sistema filosófico particular, ou, em geral, a um sistema filosófico qualquer”<sup>10</sup>, pelo menos não em um sentido diferente daquele que o próprio Senhor Ferenczi defende, ao dizer: “podemos certamente esperar que novos pontos de vista, novos conhecimentos, também surjam do estudo da filosofia e de sua história”<sup>11</sup>. A esta declaração, eu gostaria simplesmente de acrescentar o desejo de que possamos estudar de maneira honesta os ditos pontos de vista e conhecimentos de uma perspectiva propriamente filosófica, e que a metafísica seja reconhecida como um método verdadeiramente científico. Mas é precisamente sobre esse ponto que a opinião do Senhor Ferenczi será provavelmente bem diferente da minha.

Eu concordo com Ferenczi que a coleta de um tipo particular de dado era e continua sendo a verdadeira vocação da psicanálise. De modo algum era a minha intenção colocar qualquer obstáculo à sua realização, insistindo enfim na necessidade de levar em conta visões

<sup>7</sup> É com prazer que agradeço aos editores, assim como o Senhor Dr. Ferenczi, por terem me concedido a permissão de ler sua réplica antes da sua publicação. Eu gostaria de aproveitar a situação para chamar a atenção para dois erros de impressão em meu ensaio (*Imago*, caderno 2). No meio da página 114, deve-se ler “instinto sexual” [*geschlechtlichen Instinkt*] no lugar de “instinto social” [*gesellschaftlichen Instinkt*] e, mais para o final da mesma página, “método psicanalítico” [*psychoanalytische Methode*] no lugar de “método biogenético” [*biogenetische Methode*]. [Nota dos tradutores: Putnam se refere aqui à versão alemã de seu primeiro artigo, ainda não traduzido para o português. Cf. PUTNAM, J.J. Ueber die Bedeutung philosophischer Anschauungen und Ausbildung für die weitere Entwicklung der psychoanalytischen Bewegung, *Imago*, v. 1, n. 2, p. 101-118, 1912.

<sup>8</sup> Professor de Neurologia geral na Universidade de Harvard, Boston, E.U.A.

<sup>9</sup> [N.T: citação literal de Ferenczi (1912, p. 520). Para a versão brasileira, ver Ferenczi (2021, p. 350)].

<sup>10</sup> [N.T: citação quase literal de Ferenczi (1912, p. 520). Para a versão brasileira, ver Ferenczi (2021, p. 350). Putnam acrescenta “da psicanálise” à passagem, colocando a expressão entre parênteses].

<sup>11</sup> [N.T: citação literal de Ferenczi (1912, p. 519). Para a versão brasileira, ver Ferenczi (2021, p. 348)].

mais gerais. Pelo contrário, eu alimentava somente a esperança de que, atualmente, como fora o caso em outros tempos, pesquisadores pudessem realizar sua missão científica com tanto mais sucesso se esforçando para conhecer não apenas seu próprio território “soberano”, mas também, e tanto quanto possível, as regiões vizinhas deste estreito território.

Enunciado assim, de maneira geral, esse princípio é bem conhecido de todos, mas valeria a pena verificar psicanaliticamente por que a própria ideia de se ocupar da filosofia encontra por vezes uma inamistosa resistência. Haveria certamente outras razões a serem descobertas, além daquelas evocadas por Ferenczi. Se fosse, por exemplo, questão de avaliar a aplicabilidade de explicações da química ou da fisiologia à nossa causa<sup>12</sup>, ninguém alegaria que elas deveriam ser rejeitadas porque a psicanálise exige um “longo período de trégua” [*Schonzeit*]<sup>13</sup>. Alguns naturalistas [*Naturforscher*] ainda se ancoram na hipótese [*Annahme*] indemonstrável de que os fatos relativos à natureza da vida mental – aqueles que a metafísica se esforça para demonstrar através dos meios mais gerais que estão à sua disposição – só poderiam ser reconhecidos por intermédio de uma seleção de métodos orientados pelas ciências naturais. Mas poderia muito bem ser o caso que a confiabilidade dessa hipótese [*Annahme*] fosse também – ainda que de modo inconsciente – colocada em dúvida, e que a opinião que temos hoje a respeito da filosofia se devesse em parte a esse tipo de influência.

Não podemos deixar de notar que minha afirmação de que uma formação filosófica rigorosa e a consideração de intuições universais [*allgemeine Anschauungen*] poderiam se mostrar úteis aos psicanalistas (aos quais eu gostaria de me juntar), não faz mais do que indicar uma via já percorrida por alguns psicanalistas. Refiro-me aqui não apenas ao meritório esforço envolvido na aplicação de concepções cada vez mais universais, mas também à tão difundida tendência de negligenciar, ou afastar com poucas palavras, outros modos de explicação universalizantes que parecem incompatíveis com os princípios colocados em primeiro plano pela psicanálise. Na maioria das vezes, estes modos de explicação não são rejeitados. Pretende-se, no entanto, que eles sejam “quase” inúteis, “quase” descartáveis, que “talvez” não exista liberdade nesse mundo, e assim por diante. Na maioria das vezes, ou quase sempre, são as tentativas de explicação filosóficas que são tratadas dessa maneira<sup>14</sup>. De modo algum questiono

<sup>12</sup> Cf. Nova edição dos “Nervöse Angstzustände” (1911) de Stekel. [N.T: Referência de Putnam à segunda edição (“aumentada e melhorada”) da obra do psicanalista vienense Wilhelm Stekel, *Estados nervosos de angústia e seu tratamento*, publicada, na realidade, em 1912. Cf. STEKEL, W. (1912). *Nervöse Angstzustände und ihre Behandlung*. Berlin, Wien: Urban & Schwarzenberg, 2.ed, 448 p.].

<sup>13</sup> [N.T: Referência uma passagem de Ferenczi (1912, p. 520). Para a versão brasileira, ver Ferenczi (2021, pp. 349-50)].

<sup>14</sup> O muito meritório Abraham se levanta contra as tentativas filosóficas de explicação dos mitos e contra a possibilidade de que os povos primitivos possam expressar algum talento filosófico [N.T: A este respeito, ver a posição de Karl Abraham em sua obra *Sonho e mito*, em particular no capítulo 12, intitulado “A teoria do

a reivindicação de plena validade às concepções psicanalíticas [*Anschauungsweisen*]. Defendo apenas que, se isso ocorrer em detrimento de outras explicações, estamos assumindo para nós a responsabilidade de sermos visto como teoréticos [*Theoretiker*]<sup>15</sup>, e também de nos formarmos enquanto tais. Uma tal formação deveria parecer no mínimo desaconselhável.

Não posso concordar com Ferenczi quando ele diz que: “Há apenas uma ciência, mas há tantas filosofias e religiões quanto pessoas inteligentes dotadas de espíritos e estados de ânimo diferentes”<sup>16</sup>. Trata-se aqui de um discurso falacioso, que também indica um estado de ânimo [*Gemütsrichtungen*] em particular. Nos últimos tempos, ao menos na Inglaterra e na América, as discussões filosóficas chegaram ao seu ápice. Notoriamente, a psicanálise pode ser considerada como uma das etapas de um grande sistema educacional [*Erziehungssystem*], e nenhum sistema educacional pode carecer de um objetivo de caráter filosófico<sup>17</sup>. Em relação a todas as ciências particulares, o ponto de vista da filosofia é necessariamente o mais completo. Tendo em vista a sua própria prosperidade, é de fundamental importância que estas ciências permaneçam de alguma forma subordinadas à filosofia. Afinal, ela é a única que chega a tocar na essência [*Wesen*] do espírito considerada em si mesma, ao passo que as demais ciências não alcançam a sua verdade senão por intermédio do entendimento [*Verstande*]. Mas não só isso. Em matéria de metodologia, nós também podemos extrair algo de precioso das pesquisas

---

desejo no mito”. Cf. ABRAHAM, K. (1909). *Traum und Mythos. Eine Studie zur Völkerpsychologie*. Leipzig und Wien: Franz Deuticke, 73 p. Para uma tradução brasileira desse texto, ver: ABRAHAM, K. (2020). *Sonho e mito. Um estudo sobre a psicologia dos povos*. Trad. L. Krüger, E. Spieler, S. Machado e Silva. Porto Alegre: Ecos e Artes, 75 p. Putnam estava provavelmente se referindo a seguinte passagem: “Assim como as crianças não vêm ao mundo com uma ética altruísta já formada, tampouco diríamos que o homem pré-histórico carregava em si ideias filosóficas e religiosas e as simbolizaria através de mitos” (Abraham, 2020, p. 70)].

<sup>15</sup> [N.T: Provável referência à noção de sistema em medicina. Ao longo do século XIX, os grandes sistemas médicos do século XVIII, a exemplo do brownismo, de John Brown, serão amplamente criticados pelo seu caráter universalizante. A respeito destas transformações na história da medicina, ver o terceiro volume de GRMEK, M.D. (org.). (1995-1999). *Histoire de la pensée médicale en Occident*. Paris: Ed. Seuil, 3 vol. Para uma abordagem filosófica do sistema de Brown, ver o texto clássico de CANGUILHEM, G. (1997). Une idéologie médicale exemplaire, le système de Brown. In: *Idéologie et rationalité dans l'histoire des sciences de la vie*. Paris: Vrin, pp.47-54].

<sup>16</sup> [N.T: citação literal de Ferenczi (1912, p. 521). Para a versão brasileira, ver Ferenczi (2021, p. 351)].

<sup>17</sup> Comparar com o exposto em meu ensaio sobre o sistema de Froebel. [N.T: Referência ao educador de língua alemã Friedrich Froebel (1782-1852). Infelizmente, não conseguimos localizar o ensaio mencionado aqui pelo autor. Sabemos, no entanto, que em um artigo intitulado *Sobre algumas questões mais amplas ligadas ao movimento psicanalítico*, publicado dois anos mais tarde, em 1914, Putnam fará um breve comentário, dizendo que métodos pedagógicos Froebel se aproximariam dos princípios da psicanálise (p. 394). Cf. PUTNAM, J.J. On some of the broader issues of the psychoanalytic movement, *The American journal of the medical sciences*, v. 147, pp. 389-406, 1914a. Encontramos outras referências de Putnam sobre o assunto no artigo *O que podemos esperar da psicanálise no tocante à prevenção da insanidade*, publicado no mesmo ano. Cf. PUTNAM, J.J. Services to be expected from the psychoanalytic movement in the prevention of insanity, *Journal of the American Medical Association*, v. 63, n. 22, pp. 1891-1897, 1914b. Talvez o comentário mais longo a este respeito tenha sido feito por Putnam em uma conferência intitulada *A psicanálise considerada como uma fase da educação*, realizada durante o quadragésimo encontro anual da *American neurological association*. Um resumo desta comunicação se encontra em PUTNAM, J.J. Psychoanalysis considered as a phase of education, *Journal of nervous and mental disease*, v. 41, pp. 666-669, 1914c.].

metafísicas em benefício da nossa causa. Já há muito, Freud e outros autores nos chamaram a atenção para o fato de que o entendimento de cada homem trabalha sempre como uma faca de dois ou mesmo de múltiplos gumes<sup>18</sup>. Em sua base, o conteúdo de um pensamento humano não deve ser tratado apenas a partir do que um homem diz ou pensa de maneira consciente, não apenas a partir do que a psicanálise nos permite descobrir, mas também a partir daquilo que encontra seu sentido para além do que foi expresso ou pensado conscientemente.

Como bem sabemos<sup>19</sup>, esse precioso princípio foi também bastante explorado pela tradição filosófica, oferecendo assim os meios para se estabelecer um certo número de “condições de possibilidade” [*Voraussetzungen*]<sup>20</sup> da maior importância, “necessárias” a todo pensamento, cujo conhecimento é indispensável tendo em vista a compreensão da atividade do espírito. Não será o caso de ir mais adiante aqui aprofundando esta questão.

A lânguida peregrinação dos nossos pensamentos claros e conscientes, expressos em palavras áridas, como sombras caducas, atravessam o vasto deserto de nossa ignorância. Mas esse cortejo hesitante não caminha sozinho. Na verdade, ele é escoltado por duas grandes caravanas espirituais difíceis de serem reconhecidas. Por gerar desprazer, a primeira delas é constituída pelos desejos reprimidos, ao passo que a segunda é composta pelas intuições [*Ahnungen*] estudadas pela filosofia e pela metafísica. Estas últimas, no entanto, também foram objeto da repressão consciente [*gewissen Verdrängung*], no sentido em que são dificilmente compreensíveis pelos não iniciados, inspirando assim o mesmo temor [*Fucht*] (admiração [*Ehrfurcht*]) que o espírito da terra [*Erdgeist*] em “Fausto”<sup>21</sup>.

A primeira dessas caravanas seria comparável a crianças aprisionadas pouco após o nascimento, como Kasper Hauser<sup>22</sup>, enquanto a segunda seria comparável a algo como crianças

<sup>18</sup> Cf. Em particular o “Gegensinn der Urworte”. [Putnam faz referência aqui ao artigo *Sobre o sentido antitético das palavras primitivas*, publicado em FREUD, S. Über den Gegensinn der Urworte, *Jahrbuch für psychoanalytische und psychopathologische Forschungen*, v. 2, n. 1, pp. 179-184, 1910].

<sup>19</sup> Cf. Em particular os diversos trabalhos do Prof. Josiah Royce da Universidade de Harvard. [N.T: Referência ao filósofo idealista americano Josiah Royce (1855-1916). Na versão alemã do artigo de Putnam que abre o debate com Ferenczi, o médico americano irá citar a obra *The world and the individual*, publicada por Royce em duas partes entre 1899 e 1901. No que diz respeito à questão das condições de possibilidade para o conhecimento, Putnam entende nessa passagem que o pensamento de Royce caminha no mesmo sentido que o de Hegel e Bergson. Cf. Putnam, J.J. (1912).

<sup>20</sup> [N.T: Possível referência implícita à noção kantiana de “condição de possibilidade” do conhecimento, discutida pelo filósofo alemão em sua obra *Crítica da razão pura* (1781-1787) e retomada por diferentes tradições filosóficas ao longo dos séculos XIX e XX].

<sup>21</sup> [N.T: Referência do autor à tragédia de Fausto, cuja versão mais conhecida é de autoria de Johann Wolfgang von Goethe (1806-1832). O chamado espírito da terra [*Geist der Erde*] será evocado por Goethe na primeira parte da peça, quando o protagonista entra pela primeira vez em contato com o demônio Mefistófeles: “*Du, Geist der Erde, bist mir näher; schon fühl ich meine Kräfte höher*”].

<sup>22</sup> [N.T: Kasper Hauser, órfão adolescente encontrado em 1828 na cidade alemã de Nuremberg. Seu estado mental regredido será associado, na época, à falta de contato com outros seres humanos].



ainda não nascidas, cujas mães, que temem pela responsabilidade da sua educação, gostariam de poder negar a existência delas.

As competências que permitem aos pesquisadores formar uma ideia clara desses dois tipos de pensamentos são, sob certos aspectos, similares umas às outras.

Seja como for, tais pesquisadores serão obrigados a considerar a energia espiritual [*Geistesenergie*] (logo, a libido, etc.) como uma força que se sustenta por si mesma; e, nesse sentido, eles se tornarão efetivamente idealistas. Mas para levar isso a cabo, eles deverão estar em condições de fazer cair as máscaras que dissimulam os pensamentos profundos que aí se ocultam. Entre os pesquisadores naturalistas de profissão, essas criações [*Eigenschaften*] raramente assumem uma forma bem-acabada. É por esta razão que devemos estender as mãos aos metafísicos na qualidade de colaboradores naturais, mesmo que, como admito de bom grado a Ferenczi, a predisposição [*Veranlagung*] para este ou aquele sistema filosófico possa ser sempre em parte explicado pela psicanálise.

É inútil acrescentar aqui algumas palavras a respeito do “ataque” que eu teria feito à noção de determinismo, um conceito que se mostrou tão útil à psicanálise. Caberia apenas assegurar ao leitor que minha intenção não era propriamente atacar o conceito em questão, tal como ele se expressa desde um ponto de vista psicanalítico. Relativo a este ponto, convido o leitor a retornar ao meu artigo, onde me esforcei em demonstrar que a parte útil desse conceito deve ser conservada, mas sem a promessa de que ele poderia nos levar a conclusões que me parecem supérfluas e que não condizem com a realidade<sup>23</sup>.

A psicanálise não é obrigada a subscrever todas as visões gerais defendidas pela maioria dos pesquisadores naturalistas. A lei da conservação da energia não pode de forma alguma ser considerada como válida em todos os campos (no mundo espiritual, por exemplo), mas somente como um pressuposto basilar [*Grundannahme*] adaptado e que pode se mostrar cômodo a certos fins no contexto das ciências naturais. Basicamente, acredito, assim como Ferenczi, que nenhum evento psíquico se perde. Ao mesmo tempo, não estou disposto a aceitar, quase gratuitamente, a opinião bastante difundida de que o mundo espiritual se assemelhe a um caleidoscópio de rotação automática, no qual as mesmas peças engendrem sempre novas

---

<sup>23</sup> [N.T: Retornando à versão inglesa do artigo de Putnam, publicada em 1911, encontramos na página 251-2 uma passagem que poderia muito bem corresponder àquela referida pelo autor. Nela, Putnam fará inclusive referência à metáfora do “caleidoscópio”, que será mais uma vez explorada pelo autor no parágrafo seguinte do presente texto. Cf. PUTNAM, J.J. A Plea for The Study of Philosophic Methods in Preparation for Psychoanalytic Work, *The Journal of Abnormal Psychology*, v. 6, pp. 249-264, 1911. Na tradução brasileira dessa versão, a passagem se encontra na página 319. Cf. PUTNAM, J.J. Um apelo para o estudo de métodos filosóficos na preparação para o trabalho psicanalítico, *Modernos & Contemporâneos*, v. 3, n. 6, p. 305-332, 2019. Na versão alemã de 1912, encontramos um trecho onde o mesmo assunto será desenvolvido, agora em um franco diálogo com Bergson e Royce. Cf. PUTNAM (1912, p. 108)

ligações, sem que nenhuma nova energia criadora se manifeste. É verdade que a maior parte dos nossos atos obedecem a um certo determinismo. Mas onde há vida, há sempre, de alguma forma, a participação de uma criação [*Schöpfung*]<sup>24</sup> que resiste, *stricte dictu*, à dita lei.

---

<sup>24</sup> Inseparável da noção de crescimento [*Wachstum*] (Cf. entre outros Bergson, *Évolution créatrice*), mas provavelmente também em apoio a esta noção. [N.T: os trabalhos do filósofo francês Henri Bergson, em particular *Evolução criadora* (1907), serão citados por Putnam tanto na versão inglesa, quando na versão alemã de seu primeiro artigo sobre a importância da filosofia para a formação do psicanalista. A irreducibilidade do espírito à matéria é um tema frequente do pensamento bergsoniano, assim como de toda uma tradição que o precede, representada na França por autores como Félix Ravaisson, Jules Lachelier e Émile Boutroux. Quando à noção propriamente dita de *Wachstum* (crescimento) – termo alemão empregado aqui no sentido biológico de desenvolvimento – podemos de fato encontrar em Bergson um paralelo com o conceito de “criação”, como parece ser o caso na seguinte passagem do filósofo francês: “O mistério que se atribui à existência do universo provem, em grande medida, do fato de querermos que a sua gênese tenha se dado de uma só vez, ou então que toda matéria seja eterna. Em se tratando ou não de criação, em ambos os casos é a totalidade do universo que é colocada em questão. Aprofundando este hábito de espírito, encontraremos nele um preconceito [...], a ideia, comum entre os materialistas e aos seus adversários, que não há duração realmente atuante e que o absoluto – matéria ou espírito – não poderia encontrar seu lugar no tempo concreto [...]. Uma vez erradico esse preconceito, a ideia de criação torna-se mais clara, pois se confunde com aquela de crescimento [*accroissement*]” (p. 261). Cf. BERGSON, H. *Évolution créatrice*. Paris: Félix Alcan, 8.ed, 1911].